

## O ANALFABETISMO DE JOVENS E ADULTOS: reflexões para além dos números

**Marina Aparecida Mendes Costa**

Pedagoga e Professora dos anos iniciais na rede municipal de Oliveira Fortes-MG.  
[marinaoliverm@gmail.com](mailto:marinaoliverm@gmail.com)

**Patrícia Rafaela Otoni Ribeiro**

Professora EBTT- Língua Portuguesa no Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora em Linguística (UFJF).  
[patriciaotoni@ufjf.br](mailto:patriciaotoni@ufjf.br)

### RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de discutir as relações entre o índice de analfabetismo de jovens e adultos em Oliveira Fortes-MG e a existência de ações voltadas para a sua erradicação. Considerando que 9,47% da população é analfabeta e que, em dados absolutos, são 201 jovens e adultos, buscou-se observar dois aspectos: i) a oferta da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município Oliveira Fortes-MG e ii) o interesse do público-alvo pela alfabetização. Partiu-se da hipótese de que, na localidade, fazem-se necessárias intervenções mais efetivas para incentivar os estudos, uma vez que os analfabetos não reconhecem a educação escolar como algo imprescindível ao ritmo de vida que levam (a maior parte vive da agricultura familiar e pecuária). O referencial teórico norteador deste estudo perpassa, fundamentalmente, as ideias de Freire sobre a educação e alfabetização de jovens e adultos (1959, 1983, 1987, 1994, 1999), e as reflexões de Lima (1991), Saviani (2007), Arroyo (2008) e Di Pierro (2008) sobre o tema. Como estratégia metodológica, utilizou-se a pesquisa de campo e a análise qualitativa dos relatos de seis jovens e adultos do município, coletados através de entrevista, com diálogo entre documentador e informante. Ao final do estudo, percebe-se a necessidade da escola se aproximar desse público, pois, caso contrário, torna-se inviável alcançar um “Brasil alfabetizado”.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Educação de Jovens e Adultos. Oliveira Fortes-MG.

### THE ILLITERACY OF YOUNG AND ADULTS: REFLECTIONS BEYOND THE STATISTICS

#### ABSTRACT

The present work aims to discuss the relations between the illiteracy rate of young and adults in Oliveira Fortes-MG, and the existence of actions aimed at its eradication. Considering that 9.47% of the population is illiterate and that are 201 young and adults, in absolute data, two aspects were sought: i) the provision of the Young and Adult Education (EJA) modality in the town of Oliveira Fortes- MG, and ii) the interest of the target audience for literacy. It was from the hypothesis that in the locality more effective interventions are necessary to encourage the studies since the illiterates do not recognize the school education as something essential to the way of life that they lead (the majority lives from the family agriculture and animal farming). The theoretical referential guiding this study was fundamentally based on the ideas of Freire on the education and literacy of young and adults (1959, 1983, 1987, 1994, 1999), and on the reflections of Lima (1991), Saviani (2007),

Arroyo (2008), and Di Pierro (2008) on the subject. As a methodological strategy, the field research, and the qualitative analysis of the reports of six young and adults from the town were collected through an interview, with a dialogue between the interviewer and the respondent. At the end of the study, it is noticeable the need for the school to get closer to this public, otherwise, it becomes impossible to achieve a “literate Brazil”.

**Keywords:** Literacy. Young and Adult Education. Oliveira Fortes-MG.

## INTRODUÇÃO

A erradicação do analfabetismo é um dos principais objetivos da educação brasileira. Isso porque, na trajetória da educação no Brasil, os diferentes momentos históricos, políticos, econômicos e ideológicos pelos quais o nosso país passou deixaram muitas lacunas no que se refere à alfabetização.

Uma dessas lacunas está relacionada ao fato de o acesso à escolarização no nível de alfabetização, desde a colonização do Brasil até o século passado, priorizar – ou melhor, se restringir – às crianças. Além dessa limitação relacionada à faixa etária, a questão econômica também era um entrave, pois, antes da Constituição Federal de 1988, a educação não era vista como um direito de todos e, assim, apenas a elite tinha privilégios em relação à educação.

No cenário atual, entretanto, as políticas públicas nacionais voltadas para a garantia da universalização da educação básica têm se empenhado, especificamente, em relação aos grupos sociais historicamente excluídos que não se beneficiaram da expansão do sistema educacional. Diante desse novo momento para a educação e, principalmente, para a oportunidade de jovens e adultos se alfabetizarem, inquieta-nos observar que ainda há tantas pessoas analfabetas no país e, mais ainda, que há localidades tão distantes dos objetivos nacionais.

É por essa razão que nos interessamos pela pesquisa sobre a educação de jovens e adultos no município de Oliveira Fortes-MG. Interessa-nos tecer algumas considerações sobre a(s) possível(eis) relações entre o elevado índice de analfabetos no município e a oferta da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA). Destacamos que a escolha do município de Oliveira Fortes-MG para esse estudo deve-se a uma razão pessoal: as autoras são nativas do município, e a primeira autora atua como professora alfabetizadora de crianças na

Escola Municipal e observar muitos pais, mães e avós analfabetos. Na tentativa de contribuir para a mudança nesse cenário, é que se buscou realizar este trabalho.

Para tanto, trataremos sobre os caminhos da educação de jovens e adultos no Brasil, abordando os principais momentos de políticas públicas voltadas à alfabetização e refletindo sobre o que ainda pode ser feito. Na sequência, apresentaremos, primeiramente, o município de Oliveira Fortes-MG e o analfabetismo de jovens e adultos na localidade. Posteriormente, abordaremos a pesquisa realizada e a estratégia metodológica adotada, analisando, qualitativamente, os relatos de seis jovens e adultos do município de Oliveira Fortes, os quais foram beneficiados pela EJA no município e avaliando a situação atual da modalidade em Oliveira Fortes-MG.

Esperamos, assim, trazer à tona a necessidade de haver estratégias mais efetivas para a alfabetização de jovens e adultos, a fim de que possamos dar mais um passo em prol do objetivo de erradicar o analfabetismo no Brasil.

## **1. CAMINHOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: QUESTÕES POLÍTICO-IDEOLÓGICAS**

A educação que se dirige à alfabetização de jovens e adultos no Brasil tem uma trajetória permeada por iniciativas, sucessos, fracassos e constantes desafios. Com o foco voltado para a alfabetização, diversos movimentos se instauraram no país desde a década de 40 e, ainda assim, deparamo-nos, atualmente, com um cenário propício para a (re)tomada de posições em relação à temática.

Muito pode ser dito a respeito dos “caminhos da educação de jovens e adultos no Brasil”, mas, neste trabalho, não temos a pretensão de esgotar o tema, nem mesmo fazer um longo histórico da trajetória da educação no Brasil. O que faremos, inicialmente, são considerações em torno de questões político-ideológicas que implicam (ou não) em políticas públicas educacionais. No segundo momento, abordaremos as iniciativas que já foram tomadas em relação à alfabetização de jovens e adultos – que, atualmente, se enquadra na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos. Por último, discorreremos sobre os nossos anseios rumo à erradicação do analfabetismo no país e, especialmente, no município de Oliveira Fortes-MG, os quais vão para além de índices e visam à emancipação do sujeito.

Nessa direção, entender a educação e, especialmente, a alfabetização sob a ótica político-ideológica é, em grande medida, se enveredar pelas ideias e lutas de Paulo Freire, rumo à libertação. Palavras como cidadania, autonomia, criticidade e liberdade só são condições daqueles que lutam com “medo e ousadia” dentro de um mundo envolto por concepções equivocadas de exploração, divisão de classes e poder.

Nesse mesmo mundo, faz-se necessário rever o que o discurso educacional advindo de políticas públicas tem enfatizado, pois:

não podemos falar de um aspecto político na educação, pois seria admitir que existe um aspecto não-político, e, por conseguinte, admitir a possibilidade de uma educação neutra. Historicamente, o discurso da educação tem sido bastante humanista e pretensamente neutro. Este discurso coloca a educação acima da sociedade e, de uma maneira extremamente mecânica, diz-se “formadora” do homem. Chega mesmo a se colocar fora da sociedade, dizendo ser a “preparadora para a vida”. Parece-me absurdo supor que exista uma parte da sociedade isenta de suas influências, como uma “bolha”, onde se depositam crianças e, após alguns anos, “forma-as”, aprontando-as para vida (LIMA, 1991, p.135).

Coadunando tal concepção, a educação situa-se em um terreno político: é um ato político, como foco político e objetivo político. Não é, portanto, um espaço vazio de ideologias (e qualquer outra visão diferente dessa seria ilusória). Nessa direção, quem a propõe, está cheio de influências e quer transpô-las para a sociedade; quem a recebe, está sujeito à conservação das ideologias; e quem a analisa, pauta-se, também, em ideologias.

Por outro lado, ainda que pareça paradoxal, é também no plano da educação (ideológica) que podemos transformar as ideologias e, conseqüentemente, o terreno político no que se refere ao analfabetismo na sociedade brasileira, uma vez que, como afirma Gadotti (2003, p.32), o analfabetismo é “conseqüência inevitável de uma estrutura social injusta”.

Nos termos de Paulo Freire,

a estrutura social é obra dos homens e que, se assim for, a sua transformação será também obra dos homens. Isto significa que a sua tarefa fundamental é a de serem sujeitos e não objetos de transformação, tarefa que lhes exige, durante sua ação sobre a realidade, um aprofundamento da sua tomada de consciência da realidade, objeto de atos contraditórios daqueles que pretendem mantê-la como está e dos que pretendem transformá-la. (FREIRE, 1987, p.48)

Não se pode perder de vista que a estrutura social injusta favorece a muitos interesses ligados à manutenção do poder. Maurizio Gnerre, em sua obra intitulada *Linguagem, Escrita e Poder* (1987), aponta que “a língua é o arame farpado que bloqueia o acesso ao poder” e, para os analfabetos, isso é um fato: a não apropriação do código da modalidade escrita da língua é um grande limitador na vida dos jovens e adultos.

Di Pierro (2008), por sua vez, traz à tona a exclusão que atinge os analfabetos, pois se fossemos observar, profundamente, o conjunto de processos socioeconômicos e culturais que possibilitam explicar a distribuição desigual do analfabetismo e do atraso escolar nas sociedades, veríamos que a distribuição geográfica da pobreza, em áreas rurais e urbanas tem intensa ligação com essa exclusão.

Entretanto, é nessa mesma estrutura injusta que foi possível, ao longo da história do Brasil, um olhar, ainda que “embaçado”, para os analfabetos. De acordo com Rodrigues e Silva (2009), o olhar para os jovens e adultos analfabetos, ao que tudo indica, emergiu das contradições da modernização da sociedade brasileira, que se intensificou ao longo do século XX em virtude do acelerador processo de urbanização e industrialização que inseriu o país. Porém, como afirmam os autores,

os avanços econômicos e sociais vivenciados pela sociedade brasileira não eliminaram as relações de dominação, que perpetuam os interesses e perspectivas das elites pela manutenção das tradições clientelistas, patrimonialistas e privatistas presentes em nossa cultura política (RODRIGUES & SILVA, 2009, p.56).

Sabemos, criticamente, o que o sistema educacional brasileiro pretende. Mas também sabemos que, na atual situação do país, em que as classes minoritárias (majoritárias), cada vez mais, estão galgando posições de discussão e poder, há uma grande chance de criarmos novas possibilidades e novos olhares para o “povo”.

Se até hoje nos deparamos com analfabetismo, é porque falta algo que vá além de políticas públicas e movimentos, ou, ao menos, as redirecione, pois o que observamos nas iniciativas públicas é um viés quantitativo, que almeja reduzir o índice, mas não considera, na essência, o sujeito.

De qualquer forma, apesar dos entremeios políticos-ideológicos relacionados ao analfabetismo no Brasil, temos que reconhecer que a alfabetização de jovens e adultos é um tema constante de discussão político-educacional que, há mais de setenta anos, vem possibilitando iniciativas e, de algum modo, alfabetizado os jovens e adultos.

Desde a década de 40, diversas iniciativas foram tomadas em relação à alfabetização de jovens e adultos no Brasil. Atualmente, considera-se que a alfabetização de jovens e adultos – que, no cenário atual, se materializa, formalmente, na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA) – veio se organizando em quatro grandes movimentos:

- 1) Campanha Nacional de Educação de Adultos (1947)
- 2) Plano Nacional de Alfabetização de Adultos (1964)
- 3) Movimento Brasileiro de Alfabetização (1967)
- 4) Programa Brasil Alfabetizado (2003)

Analisando, particularmente, cada um desses movimentos, observamos que, no primeiro momento, o analfabetismo era visto como causa (e não como efeito) do escasso desenvolvimento brasileiro.

Assim, a estratégia do governo foi organizar Campanhas Educacionais, sendo que a 1ª Campanha de Educação de Adultos propunha: alfabetização dos adultos analfabetos do país em três meses, oferecimento de um curso primário em duas etapas de sete meses, capacitação profissional e desenvolvimento comunitário.

No segundo período, as Campanhas deixaram de ser “movimentos” e compuseram um programa permanente, liderado por Paulo Freire: o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos. Nesse momento, a alfabetização era entendida de modo atrelado à Educação Popular. Contudo, a proposta foi suprimida pelo golpe militar de 1964.

O terceiro período, relacionado ao regime militar, foi marcado pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Em 1969, o MOBRAL, instituído pela Lei nº 5.379/67, tomou proporção nacional e o governo federal investiu grande quantidade de recursos. Apesar da iniciativa importante de erradicar o analfabetismo no país, o MOBRAL pretendia legitimar a ditadura militar implantada em 1964 – disfarçada em sistema “democrático”.

Todos os quatro grandes movimentos deixaram a desejar em algum aspecto. O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) aponta que uma das principais falhas foi:

a alfabetização dissociada da educação de jovens e adultos (EJA). As ações de alfabetização sob responsabilidade da União nunca estiveram sob a alçada do Ministério da Educação e jamais foram articuladas com a EJA. Promoviam-se campanhas, não programas estruturados de educação continuada em colaboração com os sistemas educacionais. Além disso, perdia-se de vista a elevada dívida educacional com grupos sociais historicamente fragilizados. (BRASIL, PDE, 2008, p.49)

Entretanto, os erros e os acertos de cada um subsidiaram, de certa forma, a mais recente iniciativa: o Programa Brasil Alfabetizado (PBA) do Ministério da Educação (MEC).

O PBA, lançado em 2003 no governo Lula, teve como objetivo a efetiva alfabetização de jovens e adultos por meio da incorporação de hábitos de leitura e escrita no cotidiano dos alunos e a consequente continuidade dos estudos. O Decreto nº 6.093, de 24 de abril de 2007 dispõe sobre a reorganização do Programa Brasil Alfabetizado, visando a universalização da alfabetização de jovens e adultos de quinze anos ou mais, e dá outras providências.

Na leitura do Decreto, observa-se que ele atende a muitas expectativas relacionadas à alfabetização de jovens e adultos. Entretanto, como todas as ações governamentais caminharam, o enfoque está no quantitativo, como explícita o Artigo 2º do Decreto:

O Programa atenderá, prioritariamente, os Estados e Municípios com maiores índices de analfabetismo, considerando o Censo Demográfico de 2000, da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Decreto Nº 6.093/2007, art.2º).

Diante dessa opção, aquelas localidades que fogem à estatística de municípios com maiores índices de analfabetismo, considerando o Censo Demográfico de 2000 (IBGE) ficaram à margem, e, assim, muitos brasileiros também. Assim, por esse critério, muitos municípios (e muitos jovens e adultos) deixariam de ser atendidos.

Precisamos problematizar essas “prioridades”. Afinal, nossos pais, avós, parentes e amigos não serão beneficiados? Mais uma vez, teremos uma boa iniciativa com resultados insatisfatórios? Como erradicar o analfabetismo em locais não prioritários? Por que a quantidade?

O Plano Nacional da Educação (Lei nº 13.005/2014) coloca como meta a erradicação do analfabetismo e deseja elevar a taxa de alfabetização da população com quinze anos ou mais para noventa e três inteiros e cinco décimos por cento até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em cinquenta por cento a taxa de analfabetismo funcional. Contudo, essa meta não foi atingida e não há ações efetivamente concretas para alcançá-la.

O que observamos é, nos termos de Paulo Freire (1959), uma “inexperiência democrática”, contraditória e, até mesmo, ingênua. Mas, ainda assim, temos a democracia e, se queremos ser coparticipantes dela, precisamos dialogar e refletir sobre o que ainda pode ser feito.

Na época da luta de Paulo Freire, por exemplo, o momento histórico era diferente daquele que hoje vivemos. E, talvez agora, seja um bom momento para resgatarmos seus ideais no que se

refere à educação popular ("educação do povo, pelo povo e para o povo" (Saviani, 2007)), à libertação, à cidadania e à autonomia. Talvez agora encontremos um solo fértil para plantar otimismo e esperança naquelas pessoas que ainda vivem à margem das práticas letradas numa sociedade como a nossa, centrada na escrita.

Sabemos, por influência de Paulo Freire, que aprender a ler e escrever, numa cultura letrada, vai além do que ser alfabetizado. Quem aprende os códigos, aprende também as palavras e amplia seu repertório linguístico, cognitivo e social: pois com as palavras, o homem se faz homem.

É cidadania que queremos; é educação para todos que buscamos. É avanço, progresso, sucesso para cada indivíduo. É ver, nas coisas simples do cotidiano, o sujeito que aprende a ler para poder sair de casa sozinho para realizar uma viagem, para ter sua carteira de habilitação, para ter sua liberdade. Escrever para registrar o seu dia, para comunicar com o outro na ausência, para utilizar as ferramentas digitais, como computador e internet. É se alfabetizar para expandir o seu letramento, para ampliar suas possibilidades, para “ser” mais (Freire, 1987).

Não podemos aceitar, como professores(as) e educadores (as) que assumimos um compromisso social de alfabetizar, que ao nosso redor haja pessoas analfabetas. Não podemos nos vender para não ver que podemos, juntos, numa construção coletiva, em cada lugar, emancipar os sujeitos através do passo inicial da alfabetização. É com essa crença e com esse compromisso que vamos tratar da alfabetização de jovens e adultos no município de Oliveira Fortes-MG, pois:

[...] inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como seres inconclusos, limitados, condicionados, históricos. Percebendo, sobretudo, também, que a pura percepção da inconclusão, da limitação, da possibilidade, não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação da realidade. (FREIRE, 1994, p.100)

Nessa direção, cumpre retomar o que Di Pierro (2008) aponta sobre a exclusão, como foi citado na seção 1.1. Será que os analfabetos são excluídos por serem analfabetos, e conseqüentemente, desprovidos de condição financeira favorável; ou são desprovidos de condição financeira favorável e, por isso, são excluídos e analfabetos? A falta de estudo é condição, causa ou consequência da/para exclusão?

Seja qual for a resposta, nós, como educadores(as) e alfabetizadores (as), podemos fazer a diferença na vida de, pelo menos, um indivíduo, e, quiçá, do nosso bairro, da nossa cidade, do



nosso Brasil. O nosso intuito aqui é, ao menos, expor a nossa limitação na busca de “uma luta política pela transformação da realidade” (Freire, 1994, op.cit). Assim, buscaremos abordar a situação da alfabetização de jovens e adultos em Oliveira Fortes-MG, tecendo considerações acerca do que pode e precisa ser transformado.

## **2. O CENÁRIO EM OLIVEIRA FORTES-MG**

O município de Oliveira Fortes-MG está situado na Zona da Mata de Minas Gerais. De acordo com o último censo demográfico (IBGE, 2010), o município possui 2.123 habitantes. Portanto, trata-se de uma cidade pequena que, na verdade, não atende a muitas características de urbanização. Oliveira Fortes-MG, que até 1953 era considerada um distrito, foi elevada à categoria de município por uma motivação histórica e política do governo.

Em sua essência, o município é rural (RIBEIRO, 2013, 2017). A localidade (mesmo a parte “urbana”) conserva características de um vilarejo tranquilo e calmo. Há poucas casas, alguns estabelecimentos comerciais, a Prefeitura Municipal, a Câmara Municipal e poucos oliveira-fortenses. Em sua pequena praça, as crianças brincam e os mais velhos se encontram no coreto para ver a vida passar. Esse perfil do município se reflete em aspectos socioeconômicos, dentre os quais destacamos a escolarização, a renda e a situação de trabalho dos moradores.

Em relação à escolarização, os habitantes do município possuem baixo nível de escolaridade, sendo que, de acordo com os dados do Centro de Pesquisas Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (CPS-UFJF, 2009), quase 15% são analfabetos ou sabem apenas assinar o nome (aprofundaremos essa informação na seção 2.2). O Ensino Médio só foi completado por 16,55%, e, destes, apenas 5% ingressaram em curso superior. Entrelaçada aos anos de estudo está a idade dos moradores. Aqueles que estão em idade regular de escolaridade – 6 a 17 anos – estão estudando. Já os mais velhos – com mais de 50 anos – já abandonaram os estudos, sendo que a maioria deles tem, no máximo, o 5º ano do Ensino Fundamental. A faixa intermediária – 18 a 49 anos – apresenta uma maior concentração de pessoas com Ensino Fundamental completo e Ensino Médio. O que se observa, como um fenômeno geral, é que, quanto maior idade, menor a escolaridade.

O fator escolaridade, assim, reflete-se diretamente nas oportunidades de trabalho dos moradores. A maior parte daqueles que estão ativos no mercado de trabalho exercem atividades

que exigem pouca escolaridade, tais como o trabalho rural (37%), a carpintaria (7,23%), os serviços gerais (6,95%) e atuação como motorista (5,56%) e pedreiro (5,29%). Do total de trabalhadores, menos de 12% são registrados, e 15% trabalham em outras cidades, predominantemente em Santos Dumont-MG e Juiz de Fora - MG. Aqueles que possuem curso superior são funcionários públicos e atuam, principalmente, nas áreas de saúde, educação, assistência social e administração (CPS, 2009, p. 22-23).

As ocupações dos trabalhadores estão diretamente ligadas à característica do município, cuja vocação é rural e de prestação de serviços à comunidade, sob mediação da prefeitura.

Observa-se que o município, em função dos aspectos já apresentados, é pequeno diante das dimensões de Minas Gerais e do Brasil, tanto no nível populacional quanto no nível econômico. Ainda assim, consideramos ser de extrema importância discutir a educação de jovens e adultos nessa cidade, pois se não for possível erradicar o analfabetismo em uma pequena localidade, mais difícil será nas grandes cidades.

Em conformidade com os dados nacionais, a concentração de analfabetos no município de Oliveira Fortes-MG está nas faixas etárias acima dos 15 anos. De acordo com as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a escolaridade dos moradores possui a seguinte configuração:

**Tabela 1 - Distribuição população por escolaridade - Oliveira Fortes - 2010**

Escolaridade	Distrib população p/escolaridade
<b>Sem instrução/1º ciclo fundamental incompleto</b>	7,94 %
<b>1º ciclo fundamental completo/2º ciclo incompleto</b>	13,55%
<b>2º ciclo fundamental completo ou mais</b>	71,03%
<b>Não determinada</b>	7,48%
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: IBGE - Censos Demográficos

**Tabela 2 – Faixa etária dos analfabetos em Oliveira Fortes-MG**

<b>Faixa etária</b>	<b>Analfabetos</b>
Menos de 6 anos	-
De 6 a 14 anos	-
De 15 a 17 anos	-
De 18 a 21 anos	1,4%
De 22 a 29 anos	2,6%
De 30 a 39 anos	13,9%
De 40 a 49 anos	15,9%
De 50 a 59 anos	20,5%
De 60 a 69 anos	25,2%
De 70 a 98 anos	19,2%
Não soube informar	1,3%
	100%

Fonte: Relatório CPS/UFJF -2009

Como se vê nas tabelas anteriores, os jovens e adultos (e também os idosos) são responsáveis pelo índice de 9,47% de analfabetos. Os mais jovens estão estudando e/ou tem a educação básica concluída, o que reflete que as políticas públicas voltadas à “escolarização no tempo certo” estão surtindo efeito no município. Por isso, o nosso foco se volta aos analfabetos e nos leva a questionar: por que ainda não conseguimos erradicar o analfabetismo em Oliveira Fortes-MG, se, em termos numéricos, teríamos o total de 201 pessoas analfabetas?

### **3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM OLIVEIRA FORTES-MG: A INICIATIVA E OS RESULTADOS**

A oferta da modalidade Educação de Jovens e Adultos no município de Oliveira Fortes-MG se deu por iniciativa do Governo do Estado de Minas Gerais no ano de 2005, oferecendo turmas da EJA para o Ensino Fundamental e Ensino Médio em uma escola estadual.

As turmas oferecidas seguiram as disposições da Resolução da Secretaria de Estado da Educação (SEE) nº 521, de 02 de fevereiro de 2004. Assim, inicialmente, foi aberta uma turma do 1º período da EJA do Ensino Fundamental. Os demais períodos foram posteriores, seguindo a progressão da turma inicial. Quando essa turma concluiu o Ensino Fundamental, iniciou-se a EJA do Ensino Médio, com alguns alunos da turma inicial e outros novos. Em um ano e meio, a turma concluiu o Ensino Médio.

Depois dessa primeira “leva” de alunos, iniciou-se novamente uma nova turma do 1º período da EJA do Ensino Fundamental. Essa turma, com menos alunos do que a primeira, concluiu o

Ensino Fundamental em meados de 2012. Até o momento, não houve a oferta do Ensino Médio para esses concluintes, pois, de acordo com informações obtidas na escola, não há número suficiente de alunos para a abertura da turma.

Mesmo com a EJA no município se limitando aos Anos Finais do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio pelo fato de ser ofertada pelo Governo de Minas Gerais, julgamos relevante mostrar os seus resultados. Ainda que o nosso foco de discussão seja a alfabetização de jovens e adultos, precisamos reconhecer e refletir também sobre a ampliação e consolidação das etapas da Educação Básica que as pessoas fora da faixa etária escolar convencional perpassam.

Nessa direção, escolhemos a estratégia metodológica de entrevista, procurando ouvir pessoas que foram beneficiadas pela EJA em Oliveira Fortes-MG, a fim de analisar qual(is) foi(ram) a(s) motivação (ões) para a retomada dos estudos.

Para cumprir esse nosso objetivo, foi realizada uma entrevista com seis pessoas que cursaram a EJA. Optamos por entrevistar os jovens e adultos que se “encorajaram” à retomada dos estudos, com o intuito de identificar o que poderia ser motivador para os jovens e adultos se alfabetizarem. Além disso, foi mais fácil encontrá-los para a pesquisa, pois tínhamos conhecimento acerca dos jovens e adultos que estudaram. No caso dos analfabetos, pelo contrário, tivemos dificuldades para identificá-los. A seguir, apresentamos um quadro com as informações dos jovens e adultos que contribuíram para a nossa pesquisa:

**Quadro 1 – Informantes que cursaram a EJA em Oliveira Fortes-MG**

INF.	IDADE	SEXO	CURSO EJA	OBJETIVO
01	58 anos	masculino	Ensino Fundamental e Ensino Médio	Depois de aposentado, poder se inserir novamente no mercado de trabalho.
02	55 anos	feminino	Ensino Fundamental	Aumentar o salário para aposentar com uma renda melhor.
03	48 anos	masculino	Ensino Médio	Aprimorar os estudos em função das necessidades do trabalho.
04	30 anos	feminino	Ensino Médio	Conseguir um emprego em cargo público ou com carteira assinada.
05	24 anos	feminino	Ensino Médio	Conseguir um emprego em cargo público ou com carteira assinada e fazer faculdade de Educação Física.
06	35 anos	feminino	Ensino Médio	Auxiliar na educação dos filhos e ocupar o tempo com os estudos.

Como é possível observar no quadro acima e em outras informações obtidas através de uma análise qualitativa dos relatos dos seis jovens e adultos, as motivações para a retomada aos estudos estão relacionadas a três aspectos: trabalho, renda e família. Embora tenhamos entrevistado um número limitado de pessoas para tecer conclusões mais generalizadas, podemos afirmar, com segurança, que são esses também os principais objetivos de todos os jovens e adultos que buscam, atualmente, os estudos. O mercado de trabalho tem exigido cada vez mais, e, mesmo Oliveira Fortes-MG sendo um município com poucas oportunidades de inserção no mercado de trabalho, as pessoas que se aprimoraram nos estudos têm alcançado o seu espaço.

Esse é o caso da informante 05, que, como ela mesmo afirma: “a conclusão do Ensino Médio na EJA me proporcionou a vaga no Conselho Tutelar. Se eu não tivesse voltado aos estudos, não estaria trabalhando hoje.”

Apesar dessa consciência, há muitos empecilhos na retomada dos estudos. Na idade adulta, famílias já foram formadas e a obrigação de prover o sustento para os filhos, muitas vezes, dificulta os estudos. Como afirma a informante 04: “o dia inteiro trabalhando e quando vai para escola não aguenta, não rende nada. Eu ficava muito cansada”.

Além do cansaço, também há, infelizmente, o preconceito. Os informantes 01 e 02 relatam: “o pessoal vivia debochando e falava quando a gente passava: “olha os velhos indo estudar, essa hora do campeonato, com essa idade indo estudar.”

Porém, a turma que cursou a EJA superou, unida, todas as dificuldades, pois, como diz a informante 06, “se não tivesse uma turma unida dentro da sala a gente não continuava”.

Diante do que pudemos verificar através dos informantes e também de outras pesquisas já realizadas sobre a EJA, não é fácil “recuperar o tempo perdido”, como destaca o informante 03 que ficou vinte e seis anos sem estudar. Mas, ainda assim, muitos desejam e reconhecem que a EJA só tem a contribuir para uma vida melhor.

Portanto, como se vê, em Oliveira Fortes-MG já houve EJA, mas, por ser oferecida pelo Governo Estadual, só atendeu aos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A parte voltada para a alfabetização ainda não foi ofertada.

Nesse sentido, adotando os concluintes da EJA como exemplo de superação e coragem, inquieta-nos saber que há aqueles que, mesmo se dispondo e desejando estudar, não conseguem devido à falta de oferta. Portanto, cumpre discutir o que pode e precisa ser feito no que se refere à erradicação do analfabetismo em Oliveira Fortes-MG.

#### **4. A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM OLIVEIRA FORTES-MG: DESAFIOS**

O primeiro desafio que se apresenta para a alfabetização de jovens e adultos em Oliveira Fortes-MG é a oferta da modalidade no município. Como responsabilidade da Prefeitura Municipal, os Anos Iniciais do Ensino Fundamental também precisam ser repensados de modo a garantir, aos jovens e adultos, o acesso à educação.

Em conversa com os responsáveis pela educação no município, observamos que há a preocupação com a EJA e com o analfabetismo. Entretanto, em meio às necessidades de estabelecer prioridades em função dos recursos, o foco de atuação tem sido as crianças, mediante o Pacto Nacional de Alfabetização.

Porém, mesmo entendendo as prioridades, consideramos ser emergencial uma tomada de decisões voltadas para a oferta da EJA, com a alfabetização.

Além disso, há o fato de aqueles jovens e adultos que seriam favorecidos pela EJA não procurarem a Prefeitura, não manifestarem interesse e, portanto, não gerarem “demanda”. Isso, do nosso ponto de vista, é o segundo desafio a ser vencido no município.

Nesse desafio, precisamos superar muitas barreiras, dentre as quais se destacam: i) a informação da população sobre o que é a EJA; ii) a motivação para se alfabetizar; iii) a superação de preconceitos; e iv) o acesso ao espaço físico da escola.

Diante dessas barreiras, observamos que os jovens e adultos analfabetos e com pouca escolaridade que moram em Oliveira Fortes-MG já se acostumaram a viver na exclusão. Desprovidos de diversos elementos do “capital cultural” ao longo da vida (BOURDIEU, 1998),

uma nova oportunidade parece ser “invenção de moda” para aqueles que não têm informação e esperança de se libertarem e de serem autônomos na sociedade.

O território educacional é um espaço de ideologias (tais como essas que nos motivam ao tema deste trabalho). Entretanto, como os excluídos desse contexto terão a oportunidade de construir e/ou transformarem suas crenças? Como darão o primeiro passo rumo à “pedagogia libertadora”, nos termos de Freire (1997)? É preciso problematizarmos, portanto, o porquê de o poder público “esperar” a demanda.

Na mesma direção, também questionamos a falta de um planejamento de estratégias no âmbito municipal para amenizar o analfabetismo. Por que não criar, por exemplo, uma ação em que o alfabetizador vai até a residência do analfabeto? O atendimento individualizado ou em agrupamento com a vizinhança evitaria a dificuldade de acesso ao espaço físico da escola e, ainda, atingiria, com sucesso, os moradores da zona rural. Por que nada é feito? Não conseguimos acreditar que nada é possível.

No Programa Brasil Alfabetizado (PBA), há alguns caminhos que podem ser seguidos pela esfera municipal, mesmo sem ser “prioridade” para o recebimento de recursos. Aliás, na vertente da educação popular, não importam muito os recursos financeiros, importa o desejo de sermos: povo, do povo e para o povo.

Sabemos que é possível reverter o cenário do analfabetismo e da baixa escolarização de jovens e adultos no município de Oliveira Fortes-MG. Sabemos, também, que podemos libertar os sujeitos para que questionem as ações de quem detém o poder e exclui os menos favorecidos do direito à educação. Sabemos... e queremos fazer a diferença.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho, discutimos o analfabetismo de jovens e adultos no município de Oliveira Fortes-MG, de tal modo que apresentamos a situação atual, refletimos sobre o que já feito em relação à Educação de Jovens e Adultos na localidade e apontamos uma análise referente ao que ainda pode ser feito, especificamente no que tange à alfabetização.

Nossa discussão se mostrou influenciada, a todo o tempo, pelos pensamentos de Paulo Freire referentes à alfabetização de jovens e adultos. A todo tempo, ideologicamente, nosso intuito foi (e ainda é) o de “arregaçar as mangas” (ou, ao menos, lançar o olhar) em relação à erradicação do analfabetismo no município.

Contudo, cabe ressaltar, nossa preocupação não está nos índices, números e recursos financeiros (e nem nos votos!) que uma tomada de decisão em relação ao que defendendo implica. Ao contrário, nosso olhar se dirige a cada um, ao João que vive roçando pasto por não ter a possibilidade de outra profissão, à Dona Maria que não consegue, sequer, entender a conta de energia elétrica que precisa pagar, ao Joaquim que precisa depender de seus parentes para ir ao banco receber seu pagamento de operário... Enfim, a cada um que deseja e pode ser emancipado, liberto pela educação.

Após observar os dados e relembrar os movimentos nacionais destinados à alfabetização de jovens e adultos ao longo dos últimos setenta anos no país, ficamos convictos de que é possível reverter a condição de analfabeto de muitos oliveira-fortenses. Nessa localidade, em particular, não se precisa de muito: são, basicamente, 201 pessoas analfabetas. Porém, precisa-se de algo. Não podemos ignorar 201 vidas. Não podemos deixar 201 sujeitos à margem do “mundo da escrita”.

Esperamos que, através dessa pesquisa, “algo” possa ser feito. Desejamos que o poder público local assuma as suas competências no que tange à educação, pois como afirma Arroyo (2008), a educação de jovens e adultos é um campo de direitos e de responsabilidade pública, outras instituições e, principalmente, os educadores alfabetizadores se sintam corresponsáveis nessa luta contra o analfabetismo no município de Oliveira Fortes-MG.

De certa forma, também acreditamos que a nossa reflexão “local” possa influenciar outros educadores ideologicamente influenciados pela educação popular a olharem para seus próprios locais: famílias, bairros e municípios; pois somente com a tomada de consciência é que poderemos transformar a realidade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, M.G. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. In. *Construção coletiva: contribuições à Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: UNESCO, MEC, RAAB, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Brasil Alfabetizado*. Disponível em: <<[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12280&option=com\\_content](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12280&option=com_content)>>. Acesso em 20/02/2013.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas*. Brasília. 2008. Disponível em: <<<http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/>>>. Acesso em 20/02/2013.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CENTRO DE PESQUISAS SOCIAIS – Universidade Federal de Juiz de Fora (CPS-UFJF). *Apontamentos sobre o levantamento socioeconômico com população de Oliveira Fortes-MG*. Relatório final. 2009.
- DI PIERRO, M. C. *Educação de jovens e adultos na América Latina e no Caribe: trajetória recente*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 134, p. 367-391, maio/ago. 2008.
- FREIRE, P. *Educação e atualidade brasileira*. Recife: Universidade Federal do Recife, 1959.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 3. ed. São Paulo, Autores Associados: Cortez, 1983.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GADOTTI, M. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido /*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- GNERRE, M. *Linguagem, Escrita e Poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibg.gov.br>>. Acesso em: 11 nov. 2010.
- Instituto Paulo Freire – Juiz de Fora (IPF/JF). *Carta escolar do município de Oliveira Fortes-MG*. Relatório final, 1996.
- LIMA, A. O. *Alfabetização de jovens e adultos e a reconstrução da escola*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- RIBEIRO, P. R. O. *O perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes - MG: a concordância nominal e verbal*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

RIBEIRO, P. R. O. *Variação linguística no espaço rural: análise de três municípios na zona da mata mineira*. Tese de Doutorado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

RODRIGUES, L.R. SILVA, U.P. Raízes da política brasileira e Educação de Jovens e Adultos: suas implicações para a escola pública. In: Rodrigues, L.R (org). *A contribuição da Escola na trajetória de escolarização de jovens e adultos*. Curitiba: Editora CRV, 2009.

SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.